

**O IMPOSSÍVEL NO SOFRIMENTO - INDECISÕES
FENOMENOLÓGICAS NO ROMANCE
LE FILS DU ROI¹**

1. *O lugar da escrita romanesca na expressão do afecto, em Michel Henry.*

Ao atermo-nos à fenomenologia da afectividade, em Michel Henry, demo-nos conta de que o afecto, nas formas da solícitude (*Fürsorge*), saída de si (*abweisend*), olhar sobre algo (*Augenblick*), implica um prévio reenvio (*verweisung*) à subjectividade e, nesta, uma conversão (*Umkehrung*) do ego em si ao outro que não o ego. Atender a esta passagem (*Übergang*) do olhar sobre o outro - do salto sobre o aí (*Vorsprung ins Dasein*) - à afeição em si do outro que não o eu é atender à possibilidade de o eu afecto na vida ser ele mesmo acto afectivo: mover-se ao consentimento do outro. A fenomenalidade, mesmo na transcendência de si², será, então, ajeitar-se, afeiçoar-se ao outro. Daí que nela, no *Dasein*, se abracem o outro, eu e a Vida. A vida em nós, a nossa vida é trindade afectiva: Vida / Filiação / vivência dos filhos no mesmo movimento amoroso, afectivo. Assim a fenomenologia da afeição será a narrativa das tonalidades afectivas que na relação se tecem. O sofrimento³ e a compaixão são modalidades do afecto também elas tecidas na encruzilhada das relações. Não é de estranhar, então, que a sua narrativa se possa inscrever num romance, num conto da esperança

¹ HENRY, Michel, *Le fils du roi*, Paris, Gallimard, 1981, (FR).

² HEIDEGGER, Martin, *Sein und Zeit*, Max Niemeyer, pp. 28; 220-221; 329, 365.

³ COURTINE, J.-F., *Heidegger et la phénoménologie*, Paris, Vrin, 1990, p. 234.

que transpasse o desafecto. Até porque a linguagem⁴ tal como a música⁵ e a pintura⁶ são, em Michel Henry, enquanto formas de arte⁷, puras manifestações das tonalidades da nossa vida afectiva⁸. De contrário, seria no mínimo paradoxal e até mesmo absurdo evocar a escrita romanesca de Michel Henry para nos situarmos aí onde a vida se modaliza em sofrimento já que, nele, o sofrimento é irreduzível às formas mitigadas com que o nosso imaginário o expressa. Não se espere, então, que busquemos, no romance, uma fabulação ou um sentido para o sofrimento. Tal não é nossa intenção e nem isso nos permite a fenomenologia do afecto que nos mostra que «o sentimento não é nem pode nunca ser sentido» como «também não pode ser percebido».⁹

Além de que não queremos ficar por uma forma atonal da vida arqui-impressiva ou auto-afectiva, num transcendental desligado do quotidiano: a vida prova-se, saboreia-se, sofre-se no dia a dia, não raro marcado pela fragilidade que aflige. Talvez por isso iniciasse Michel Henry a sua publicação filosófica com um romance cujo conteúdo se prende com o sentimento de fracasso perante a impossibilidade de erradicar o sofrimento das nossas vidas. *Le jeune officier* (1954), através da simbologia de desinfestação de um navio, constata a vanidade desta tentativa. E foi sempre sob a forma de romance que continuou a sua reflexão sobre o sofrimento: se *Le jeune officier* se debate com o sofrimento que corrói o nosso corpo biológico, *Le fils du roi* (1981) defronta-se com a inércia que corrói a nossa vida. Mas o mal atravessa, também, no choque com o realismo da fragmentação social, *L'amour les yeux fermés* (1976)¹⁰ e

⁴ HENRY, Michel, «Phénoménologie matérielle et langage (ou: pathos et langage) in *Michel Henry l'épreuve de la vie*, Paris, Cerf, 2001, pp 15-37;

⁵ HENRY, Michel, «Dessiner la musique . Théorie pour l'art de Briesen» in *Le nouveau commerce*, 61 1985 pp.49-106

⁶ HENRY, Michel, *Voir l'invisible. Sur Kandinsky*, Paris, François Bourin, 1988. Ver tb DOUFOR-KOWALSKA, Gabrielle, *L'art et la sensibilité – De kant à Michel Henry*, Paris, Vrin, 1996 e ainda da mesma autora, *L'esthétique de Michel Henry et les «variations» d'Alexej Jawlensky*, Paris, François Bourin, 1988.

⁷ HENRY, Michel, «Kandinsky et la signification de la vie» in *Présentaine*, 16(1966), pp. 129-141.

⁸ HENRY, Michel, «Art et phénoménologie de la vie» o.c. pp.27-43.

⁹ HENRY, Michel, *L'Essence de la Manifestation*, Paris, PUF, 1963, p.579.

¹⁰ *O amor de olhos fechados*, Tradução portuguesa de Helena Marques, Principia, 2001.

a evidência do disfarce na corrupção, nomeadamente, na corrupção política em *Le cadavre indiscret* (1997).

Assim, contrariamente ao que afirma Natalie Depraz¹¹, a linguagem romanesca ocupa um lugar central na fenomenologia de Michel Henry: nela, as tonalidades afectivas da vida, na exuberância da sua singularidade, manifestam os contornos em que a vida continuamente se molda e diferencia. Michel Henry colmata, deste modo, a pobreza atonal da tautologia do ensaio.

De entre os vários romances escolhemos para conversa desta tarde *Le fils du roi*. Tal restrição prende-se com a complexidade da obra: nela, o afecto, na *inocência do possível*, renasce do desafecto. Vivificam-se as relações, vivifica-se a narrativa, ganham sentido as nossas histórias fragilizadas.

2. O enredo narrativo em *Le fils du roi* à luz dos conceitos *inocência/angústia/possível/agir* e sentimento de limite.

José e Marietta são as personagens centrais do romance e a elas iremos dedicar particular atenção. José, o narrador, vive numa instituição psiquiátrica por afirmar ser filho do rei. Marietta sofre as «dores» do mundo. Marietta e José desenham-se, desde o início, como duas figuras com destinos singulares: José, na condição de filho do rei, é generoso e nobre para com os outros, ao passo que Marietta encarna a fragilidade humana. Estas duas personagens são os extremos da intensidade de duas vivências: a actividade do filho do rei e a passividade, inércia de quem sofre. As outras personagens do romance apresentam gradações diferentes destas duas vivências. Jonathan, o doente mais compassivo e atento às necessidades dos utentes da instituição hospitalar, cede o lugar a José; Totor é um médico atento, mas cujas terapias se apresentarão ineficazes comparadas com as de José; Vania, August, Sandra, Marceline, Florence enfermam de um excesso anímico que fragiliza a vida afectiva e social. Por sua vez Marietta encarna e sofre as fraquezas dos outros e até mesmo as de José.

¹¹ DEPRAZ, Natalie, *Écrire en phénoménologie: une autre époque de l'écriture*, Encre Marine, (1999), pp. 151-164.

Contudo, esta gradação de intensidade do sofrimento e das formas de compaixão suscita alguma perplexidade, sobretudo quando no limite, a compaixão de Marietta, é tão-só a encarnação do sofrimento alheio. A sensibilização da vida, nela, é fragilização e *esvaecimento* pelos males pressentidos nos outros: «[...] era como se[...] a imensa dor que atravessa a terra encontrasse, nela, repouso[...]a cada ponto do seu corpo unida (a dor), por um estranho filamento invisível, a cada pedaço do universo; [...] corpo, soma de vibrações pelas quais entrando em ressonância com ele (universo), *sucumbisse ferida*»¹². Ao passo que a solicitude de José parece não ser verdadeiramente tocada pelo sofrimento. Não é em termos de sentir mas de conhecer que ele se expressa: «eu *pensava* nos meus amigos. *Sabia*-os tão vulneráveis. Quando estavam comigo a confiança transcendia o medo e a felicidade a angústia»¹³. Lúcido da sua condição e poder – José contraria o poder do sofrimento: enquanto que «ninguém tem qualquer poder sobre o afecto, eis porque o mundo se perde» José pode restituir a vida a si mesma: «José, devolve-me a mim mesma, pede Solange, arranca-me ao nada»¹⁴.

Mas como contraria José o poder absoluto do sofrimento se, como vimos no § 1 a fenomenalidade do afecto tem o princípio em si mesma? Se a própria negação (*Verneinung*) de si, o impossível do seu possível é ainda acto de afecto? Se a conversão (*Umkehrung*) - a negação (*Verneinung*) de si, do impossível, na afirmação de si (*Selbstbehajung*), no seu possível reenvio a si - é inalienável?

A não ser que José seja o paradigma da filiação, o arqui-filho¹⁵, a primordial afecção de Si da Vida, afecção na qual nos tornámos filhos e Marietta encarne o sofrimento que provém da negação.

Só assim, só nesta paradigmática filiação/negação poderíamos, fenomenologicamente, relacionar a inocência de cada acto de afecto, do possível, com a angústia que pretende¹⁶ o impossível, a inércia, o

¹² *FR*, p. 62.

¹³ *FR*, p.116.

¹⁴ *FR*, p. 123.

¹⁵ O paradigma fenomenológico do «arqui-filho» apenas surge em Michel Henry na obra *C'est moi la Vérité*, Seuil, 1996.

¹⁶ *FR*, pp.72 e seg «Je sais qui tu es. Mais toi, sais-tu qui je suis? – N'es-tu pas Marietta [...] Je suis ta soeur». O disfarce de Marietta, a ocultação da sua verdadeira identidade, irmã de José, só nessa identidade, só na vida afectiva é possível.

fechamento, a estagnação de si, personificados no sofrimento Marietta, encarnação das múltiplas as formas de negação.

E se os limites da Vida¹⁷ são traçados do interior da própria vida¹⁸ e tanto podem ser momentos de eternidade gloriosa como de inferno insuportável, também a terapia, a conversão da vida às suas possibilidades, só do interior da própria vida pode acontecer.

O reconhecimento, em nós, do possível que José personifica, a possibilidade de sermos a partir da afecção em nós da Vida, reanima a nossa inércia, a inércia de Marietta, e converte o ego à relação. A vida faz de nós irmãos¹⁹, não rivais, nem senhores uns dos outros. Nesta igual condição²⁰ será possível, então, a confiança de uns nos outros, imprescindível à terapia, à conversão ao possível do afecto: « não haveria outra ocupação senão confiar uns nos outros»²¹. O psicodrama apenas ajuda à recuperação da confiança que possibilita de novo a fruição da vida e a transfiguração do impossível na possibilidade de si, na recuperação da dignidade perdida²²: «tive dificuldade em reconhecê-los»²³, transfigurados que estavam.

Esta análise fenomenológica das figuras de Marietta/Lucile e José estaria em consonância com a fenomenologia da Vida, em Michel Henry, e até mesmo com a fenomenologia do desespero: modalidade afectiva da vida²⁴. A liberdade, o acto a partir de si

¹⁷ AUDI, Paul, *Supériorité de l'éthique – De Schopenhauer a Wittgenstein*, PUF, 1999, p. 73, sobretudo o comentário a Wittgenstein, *Tractatus*, 6.45 - Das Gefühl der Welt als begrenztes Ganzes ist das mystische».

¹⁸ Como o mostra quer a fenomenologia do desejo – na «der Wille zum Leben», Schopenhauer – quer a fenomenologia do poder que o efectiva – na «der Wille zur Macht», Nietzsche – em *Généalogie de la psychanalyse*, PUF, 1985, cap. VI;VII.

¹⁹ *F R*, pp.10,13,24,28,31,44,72,87,103,123,162,198,201,205,230-231,232,234-235.Como se pode ver o reconhecimento desta nossa condição atravessa *Le fils du roi*.

²⁰ Desconcertante condição que envolve «doentes» e «sãos», «médicos», como mostra o diálogo de José com um «técnico» de saúde: «Vous avez raison, fis-je avec lenteur, je n'ai pas de famille. - Voulez-vous être ma sœur ? – Sandra parut plus décontentée par mon ton bienveillant que par les paroles si cruelles que j'avais prononcées sans m'en rendre compte – comme si cet avenir sans gloire que je lui dépeignais, elle le connaissait depuis toujours, tandis que l'offre d'une amitié sans objet, sans dessein et sans cause demeurerait encore pour elle une énigme», *F.R.*, p. 103.

²¹ *F R*, p.129.

²² O romance anuncia algumas aproximações com Proust.

²³ *F.R.*, p.161.

²⁴ HENRY, Michel, *Souffrance et Vie*, Paris, 2001.

próprio (José), a auto-afecção, dá-se conjuntamente com a receptividade do afecto (Lucile). O desespero, Marietta, consistiria na impossibilidade de negar esta mesma fenomenalidade. O possível da terapia é a possível conversão a si mesmo, no fruir e no sofrer.

No entanto, não é isto que se verifica no romance o Filho do Rei. A par desta possibilidade, uma outra acontece: a psicoterapia de grupo, empreendida por José, culmina na «festa dos loucos», na qual ele é reconhecido como rei e Lucile se suicida.

Mas, mais curioso ainda será ver que o romance não acaba com a «festa dos loucos». A história continua, mas, agora, com o apagar progressivo de José que nunca deixa de afirmar a sua condição de filho do rei e com Marietta que, sem se saber como, passa a ser a enfermeira que dele cuida, sem, contudo, o reconhecer como seu rei! «Humanos, demasiado humanos».

Deste modo, a terapia proposta por Michel Henry, em *Le Fils du Roi*, não passa de uma teatralidade ineficaz, ilusória, o oposto do que as figuras paradigmáticas José/Lucile faziam crer.

Esta inconsistente abordagem fenomenológica do afecto - por uma lado a coesão entre acto e afecto e por outro a cisão entre o afecto e o acto - prende-se, quanto a nós, com a introdução de princípios metafísicos e preocupações filosóficas do autor, numa abordagem do afecto que pretende ser uma abordagem fenomenológica. Na tentativa de fazer uma leitura fenomenológica, da transitividade afectiva, na imanência, salvaguardando deste modo, a singularidade do afecto pela sua ipseidade, acaba por negar as tonalidades afectivas em que a ipseidade encarna. A preocupação do reenvio transcendência, em Heidegger, à imanência, conciliando, na fenomenologia, substância e modos acaba por perder a ipseidade e a autonomia dos modos substância.²⁵

Ora a fenomenologia da vida afectiva *de* José e *de* Marietta fica enredada nestas preocupações: a sua fenomenalidade arquetípica cindida em si mesma não opera, não efectiva o acto de afecto: sem modalização da vida, perde-se a ipseidade e com ela a possibilidade da conversão do desafecto.

²⁵ O estudo comparativo Kierkegaard/Heidegger em *Annales de Philosophie*, 17 (1996) e *Le bonheur de Sinoza*, Cariscript, 1997, são elucidativos quanto a estas preocupações.

3 Ipseidade afectiva e possível/ inocência/angústia /acção/limite, na fenomenologia de Michel Henry.

A precedência concedida à afectividade, em Michel Henry, não a enreda necessariamente em si mesma. Ligada ao conceito de poder de efectivação de si e até mesmo de negação de si, no desejo de alteridade, a afectividade é sempre, fenomenologicamente, princípio de acção, acção a partir de si, auto-afecção, geração de ipseidade. Contudo, o conceito auto-afecção explicita apenas o seu ser incondicionado, a pura possibilidade de si, isto é, arqui-geração da ipseidade do afecto, possibilidade de comunhão entre a matriz geradora de afecto e a singularidade do afecto gerado. Mas se atendermos à expressão «O olho pelo qual vemos as coisas é tão-só aquele pelo qual Deus nos vê»²⁶, veremos como se efectiva essa pura possibilidade. Nela, a visão, fenomenologicamente afecto da Vida, é Vida, a Vida pela qual Deus me vê, me afecta, comunga comigo. A afectividade efectiva-se como relação: a auto-afecção é geração de afecto, a visão. Mas porque afecto da Vida, a visão é uma tonalidade afectiva com as mesmas possibilidades com que a vida a afecta: possibilidade de ver. Deste modo vejo, também eu, as coisas. Vejo-as na efectivação (*Leistung*) desta minha possibilidade. E é neste meu acto de afecto que sou feliz, pois é nele que sou relação: «Aquele que vê este olho vê o próprio Deus»²⁷. *Le bonheur de Spinoza* consiste nesta comunhão afectiva da visão²⁸ que a ipseidade efectiva possibilita. A afectividade não gera apenas a ipseidade do afecto: o afecto enquanto, também ele, possibilidade afectiva permite a comunhão de afectos, no mesmo espírito de doação efectiva. Nietzsche entendeu bem esta efectiva comunhão de afecto: «nós os felizes»²⁹, os que encontram em si a possibilidade de efectivar o

²⁶ *FR*, p.194.

²⁷ *Ibid.*

²⁸ HENRY, Michel, *Le bonheur de Spinoza*, Cariscript, 1997, p. 5-6, Avant-propos de Jad Hatem. Este trabalho de Michel Henry, foi publicado, pela primeira vez, na *Revue d'histoire de la philosophie et d'histoire générale de la civilisation*, 39-40, 1946, pp. 67-100. O editor impôs um outro título *Le bonheur chez Spinoza*. Decorreriam conversações com a Gallimard para a publicação da obra, subordinada ao título que o autor propunha *Le bonheur de Spinoza*; a guerra não permitiu a conclusão das negociações. O Centro d'Études Michel Henry reeditou, na Cariscript, o original *Le bonheur de Spinoza*.

²⁹ NIETZSCHE, F, *Zur Genealogie der Moral*, I, § 10, «wir Glücklichen»

afecto. Originariamente a afectividade é efectiva comunhão e não apenas *desejo de comunhão*³⁰. Gerados na vida não padecemos da vontade *de viver*, pois nela vivemos, mas da urgência de a saborear, de vivermos efectivamente o seu possível. Daí que, Michel Henry fale de prova e fruição da Vida – *l'épreuve de la vie*. O afecto é, fenomenologicamente efectivação (*Leistung*) e não apenas pura possibilidade: afecto gerador de diferenciação na comunhão desse mesmo afecto, nunca isolamento, autismo, e muito menos denúncia ou negação do outro. A negação pressupõe, nela, aquilo que nega, o seu prévio, a sua impossibilidade. Por isso o conceito de angústia aparece ligado a esta pura impossibilidade da Vida, a impossibilidade de ser ela própria, isto é a negação da sua possibilidade. Assim se compreende que Michel Henry também relacione o conceito de possibilidade com o padecer de si: a impossibilidade de ser outro, que é, no entanto, o seu possível³¹.

Em termos de análise da facticidade o possível manifesta-se-nos, então, de dois modos: enquanto ser singular o eu não pode ser outro, e este é o impossível do seu possível, ou o não-poder do poder, o desespero, na linguagem de Kierkegaard; enquanto possibilidade efectiva de uma acção, de um acto de afecto, acompanha-o a inocência e a fruição de si, na comunhão com os outros. A *angústia*, no puro possível, só se fenomenaliza quando, desvinculada fenomenologicamente da inocência do acto de afecto, se projecta nos cálculos e consequências do possível, isto é, numa estrutura ideal, desvinculada da transitividade da imanência auto-afectiva³².

Ora a vida afectiva *de José e de Lucile* é paradigmática do possível da vida afectiva e da conversão do desafecto. Em Marietta a compaixão, «oferta de uma amizade sem causa»³³, a não ser a da própria amizade, repõe o que falta ao sofrimento: o incondicionado que ele mesmo reclama³⁴. A compaixão deve efectivar o que no

³⁰ HENRY, Michel, *Généalogie de la psychanalyse*, cap.VI;VII.

³¹ HENRY, Michel, *Incarnation*, Seuil, 2000, (I) § 38. *La duplicité de l'apparaître et le redoublement de l'angoisse*.

³² I, § 39, *Le désir et le «saut dans le péché»*.

³³ *FR*, p.103

³⁴ PORÉE, Jerome, «Souffrance et temps» em *Revue philosophique de Louvain*, 1(1997) pp.101-129.

sofrimento é esperança, futuro, visto que «a eternidade será feita da recordação de tais instantes»³⁵.

Não se compreende, por isso, a principal excomunhão *de* José e *de* Lucile/Marietta, pela divergência, cisão e atonalidade dos princípios fenomenológicos, que também aparecem no romance: José jamais se une a Mariette³⁶, não se humaniza. Marietta/*anseia* unir-se a José, mas tal não se verifica: a fragilidade fica entregue a si mesma. Não se vislumbra, por isso, a possibilidade da *felicidade de* Espinosa, *de* Marietta, *de* Lucile, *de* José, *de* Vania, *de* Totor, *de* Florence, *de* August, *de* Jonathan...que a fenomenologia, em Michel Henry, reclama.

É paradoxal a fenomenologia do afecto, no romance. A afectividade de José e de Lucile/Marietta encarna o paradoxo da cisão fenomenológica acto/afectivo, o impossível no sofrimento.

4 Fenomenologia da vida afectiva de José e Marietta/Lucile.

Procuramos analisar a fenomenologia destas oposições e verificamos que a atonalidade afectiva de José³⁷ é tão-só, nele, a vida arqui-impressiva subjacente a cada tonalidade afectiva singular, e não a impressionalidade do afecto, singular na sua ipseidade: a atonalidade afectiva não é a doação em si da vida, mas o seu carácter principal. Também em Marietta o carácter intocável do sofrimento se prende com a sua não doação efectiva: preso em si, orgulha-se do seu corte com a vida. A sua frieza, a imobilidade são a sua autonomia.³⁸

³⁵ *FR*, p. 105.

³⁶ *FR*, p. 179 «Je t'ai dit que c'était impossible».

³⁷ *FR*, «Oui, c'est là ce qu'il y eut de plus remarquable tandis que, émerveillés les uns devant les autres, nous faisons la découverte de nous-mêmes, *cette parfaite indifférence* de ce que nous éprouvions à l'égard de tout ce qui nous arrivait »p. 75 - *cette joie qui faisait irruption sans rien devoir à aucun événement heureux* »p. 77 «Pour ma part j'ai renoncé à la gloire et c'est pourquoi elle m'est donnée aujourd'hui au centuple. Ce n'est pas une gloire qui vient des autres, *elle réside en moi*, elle est *puissance* dans mon être» pp. 107-108 . Tu étais plus semblable à moi que moi-même; plus profond en moi que moi-même». p.206

³⁸ *FR*, p. 199 « Me voici donc seul. La souffrance est mon unique compagne. C'est une femme captive et qui me veut tout à elle.».

Podemos, então, dizer que as relações que na vida de José se geram são relações de uma arquetípica maternidade³⁹: José filho do rei, diria eu de rainha pois que a Vida é mãe, é o arquétipo da geração da vida em nós. Daí que ele desperte em cada um esta memória de uma filiação esquecida⁴⁰ que faz de nós irmãos⁴¹. Marietta, pelo contrário, só a José revela conhecer esta filiação real⁴². Já na primeira parte do romance ela se apresenta a José como sua irmã, Lucile. Mas adquire uma estranha metamorfose, no exílio da corte, transmuta-se em Marietta, sofre com o que da vida se separou, guardando, contudo, memória dessa mesma vida real.

Marietta encarna no tempo, vive na Vida como sua vida as dores e os males de todos. É também curiosa a ausência de sofrimento próprio, a não ser o do exílio⁴³. De notar ainda que, embora reconhecendo-se filha da Vida e irmã de José, ela *anseie* unir-se a José pelo matrimónio⁴⁴, numa clara alusão à sensibilização afectiva⁴⁵, em que realeza, a divindade se humaniza e a humanidade se dignifica: «Se estivesse onde o sofrimento apela, terias vindo a mim e ter-me-ias amado»⁴⁶. Mas José não ouve, e a vida não se faz afecto⁴⁷ é atonal. E atonal é o sofrimento.

Ora, se tivermos em consideração o título do primeiro ensaio filosófico de Michel Henry: *Le bonheur de Spinoza*⁴⁸ vemos que o que nele está em causa não é a felicidade em geral, atonal, mas a felicidade *de* Espinosa.

Seria legítimo esperarmos, então, que a fenomenologia do afecto, em *Le Fils du Roi*, nos envolvesse na fenomenologia de uma

³⁹ FR, p. 24 «Mais as voix était là [...] ma mère [...] José...ma mère...»

⁴⁰ HENRY, Michel, *C'est moi la Vérité*, Paris, Seuil, 1996, cap « L'oubli par l'homme de sa condition de fils».

⁴¹ FR, pp. 162-163. «Oui, songeais-je en les regardant, je ne me suis pas trompé, ceux-là sont bien mes frères, ils sont de la race des seigneurs».

⁴² FR, « Je sais qui tu es, me dit-elle [...] – Mais toi, sais-tu qui je suis ? – N'es-tu pas Marietta ? – Je suis Lucile. [...] Je suis ta sœur».

⁴³ FR, p. 155.

⁴⁴ FR, p. 152

⁴⁵ FR, p.135 « la mort ne vien pas du dehors. Elle se nourrit de notre indifférence. C'est nous qui mourrons, c'est notre amour ! » «Ce qui reste de vivant en moi se solidifie peu a peu», «Si tu étais allé là où t'appelais la plus grande souffrance, tu serais venu à moi et tu m'aurais aimé».

⁴⁶ FR, p.207

⁴⁷ FR, p. 205.

⁴⁸ HENRY, Michel, *Le bonheur de Spinoza*, Beyrouth, 1997.

efectiva doação⁴⁹, por uma via que não a da intencionalidade⁵⁰ e da perda de si⁵¹ na pura possibilidade de resposta à solicitação e ao cuidado com o outro, tal como foi tratada em Husserl e Heidegger e tão abundantemente criticada quer por Michel Henry quer por Lévinas. Até porque esta seria a forma de unir a causalidade transitiva - não à imaginação exterioridade e temporalidade- à causalidade imanente do afecto, onde efectivamente a doação é possível.

Mas tal não acontece: não há em José um leve traço da sua temporalidade singular - para sempre é *Filho do Rei*, daí a impossibilidade de se unir a Lucile, o possível da sua encarnação, o afecto. Neste, José só vislumbra fragilidade, facilmente confundida com insignificância e mediocridade⁵². Fica-nos uma leve esperança de que em Mariette/Lucile tal não aconteça. E é o próprio José que nos deixa indícios para essa esperança. Diz ele a este propósito: «Oh, Mariette sacudida como a folha de uma faia por todas as tempestades do mundo, *traspasada por mais flechas do que o santo preso à coluna, não é pela tua fraqueza, mas pelos teus poderes, que tu sucumbes*»⁵³.

Há no romance dois sentidos para o sofrimento de Marietta. Cataldo integra-o num sentido idealizado que supostamente comporta esta singular situação, enquanto que para José o sofrimento é uma transitividade, na imanência da própria vida de Marietta, consentida pela sua afeição ao outro. É a afectividade do afecto que possibilita a afeição e o sofrimento de Marietta. Por isso Marietta sucumbe, mas pelo poder da sua sensibilidade, do seu afecto. A compaixão de Mariette é fenomenologicamente descrita como uma perfeição da vida: «possa a perfeição inscrita na sua carne e que dela irradia não se ausentar de entre nós demasiado horríveis, oh, sim, possa ela ser mais forte do que o insuportável, possa ela não ser louca»⁵⁴. Mas há alguma imperfeição nesta perfeição de Marietta, já que, se pela compaixão Marietta se afeiçoa ao outro esperava-se uma transitividade positiva na imanência da vida em si e no outro.

⁴⁹ MARTINS, Florinda, *O ser dá-se como afecto*, UNL, 1992.

⁵⁰ *FR*, p. 98

⁵¹ *FR*, p. 195 e p. 214.

⁵² *FR*, p. 153 «comme les autres».

⁵³ *FR*, p. 65.

⁵⁴ *FR*, p. 65.

Mas não! Essa afeição transmuta-se, pelo contrário, em denúncia: «mas Marietta vê mais longe, ela tem ainda algo mais em vista, a miséria dos infelizes não lhe basta». Mas porque não lhe basta a miséria dos infelizes? Porque sofre ela? E a resposta desconcerta. O seu sofrimento é vão. Afeiçoa-se a ele, mas para o negar: «No brilho do seu olhar há como que uma forma permanente de *recusar* tudo o que é vil e negar o presente». Daí que a compaixão de Marietta amesquinhe Wanda: « quando ela (Marietta) fala (diz Wanda) tenho a impressão de ser uma mulher frívola, insuportável».

Será que o possível do sofrimento, consiste unicamente na negação da forma de vida não coincidente com a afeição de si? Mas este é o seu impossível! E em que consistirá a compaixão? Qual será a fenomenalidade própria da possibilidade da compaixão? Não será essa possibilidade uma modalidade do possível acto de afecto, da afeição de si?

5 Indecisões fenomenológicas no possível *Le bonheur de Spinoza*.

As dificuldades inerentes a uma fenomenologia do afecto que pretende uma saída da atonalidade afectiva da vida, sem perder a imanência da mesma, foram desde sempre pressentidas⁵⁵ por Michel Henry e dificilmente, na sua obra, se encontra uma resposta satisfatória para esta problema⁵⁶. E isto porque a preocupação central de Michel Henry se prende com a possibilidade de trazer para a imanência a causalidade transitiva que Heidegger ligou à transcendência, conferindo novidade fenomenológica à modalidade de existência em Espinosa⁵⁷. Ora, por vezes isso é feito à custa de algumas indecisões que comprometem a generatividade da Vida, a sua fenomenalidade, a *encarnação*: justamente o oposto do que pretende Michel Henry. Mas é o que acontece no romance *Le fils du*

⁵⁵ Ver a análise comparativa Heidegger/Kierkegaard em *Les annales de Philosophie*, 17 (1996) pp.9-13.

⁵⁶ A *Encarnação* procura, através de uma análise do conceito «possível», em Kierkegaard, a passagem do eterno pelo presente, e com isto o sentido do tempo, do vivo e do sofrimento.

⁵⁷ Quanto a nós este é o tema central da obra *L'essence de la Manifestation*. A afectividade referida à imanência procura colmatar as insuficiências da fenomenologia do afecto em *Kant und das problem der methaphysik*

roi. As tensões entre a atonalidade auto-afectiva da Vida e as singulares tonalidades afectivas da mesma, marcam todo o romance, tornando-se mesmo paradoxais aquando da expressão da vida afectiva de José e de Marietta/Lucile. Mas não é só a vida afectiva destas duas personagens que é contraditória, em termos fenomenológicas: são as virtualidades terapêuticas que uma outra fenomenologia, a fenomenologia do afecto esboçava, que são também elas postas em questão.

Propõe-se, nele, uma terapia para o afecto enredado na rigidez de «emoções primárias»⁵⁸, visto que a «matéria prima» *Robstof* da emoção desconhece a passibilidade que a suporta: isto é o afecto não é inerte, nele a vida sensiente é possível acto de afecto. A vida auto-afectiva é o suporte desta emocionalidade primária e como tal é nela que se busca a ressonância e a tonalidade própria do primário.

Assim, parece acontecer quando Vania recupera, através de José, de um estado de absoluta inércia: «o rio da vida começou a correr, inundando o grande corpo inerte que se abandonava ao meu. Mergulhei o meu olhar no seu, procurando com todas as forças, para lá do globo de cristal, o poder de ser tocado na alma de cada um. No fundo do abismo uma minúscula luz apareceu, agitava-se incerta, ziguezagueava, bem longe, no limite das coisas e, depois, crescendo de repente, ocorreu para mim e [...]suspirou, *José*, ...minha *Mãe*»⁵⁹

Vania, afecto na vida, desperta no encontro com José, também ele Filho da Vida. É no encontro com a vida, na fraternidade do afecto, que se dá a passagem do «patológico», do inerte, ao sentimento de si. Esta consciência de irmãos, filhos do Rei, atravessa todo o romance⁶⁰. Mas é necessário que a fenomenologia da passagem do inerte, da anestesia à vida sensiente se faça em cada um deles: de Vania, de Marietta... Do mesmo modo que se espera que José adquira a expressão singular de si. De contrário José é, apenas, o paradigma de uma dignidade atonal da Vida e Marietta/Lucile é o paradigma de um sofrimento também atonal. José vive uma vida que não é sua e Marietta um sofrimento que não é seu. Entre eles separa-os um abismo: Irmãos? Só na paradigma de uma vida sem tempo, eterna, por isso atonal.

⁵⁸ FRANK, Victor E. *Logotherapie und Existenzanalyse*, nota 20, p. 85.

⁵⁹ *FR*, p. 24,28,31.

⁶⁰ *FR*, pp. 10, 13,24,28,31,44,72,87,103,123,162,198,201,230,232,235.

Esta urgência da vida está presente no romance. Só assim se compreende o desejo de Marietta: « precisamos de fazer um pacto, estabelecer uma união que força alguma possa quebrar [...]Troquemos de vontades [...]. só entre nós pode haver união (união matrimonial) [...]vivemos um para o outro»⁶¹. Mas José recusa: «Já te disse que era impossível»⁶².

Este impossível é o impossível do sofrimento e torna contraditória a fenomenologia da afecto. Se os filhos da Vida não trazem em si a possibilidade da compaixão de Marietta, é porque se não doou, verdadeiramente. Mas se não se doou, também o sofrimento de Marietta é inexistente, do mesmo modo que é irreal a pretensão de José. Talvez isso justificasse a ineficácia da proposta terapêutica de Michel Henry. Mas é mais do que isso: esta fenomenologia atonal é expressão da loucura da vida, e retira-nos a nós, viventes qualquer esperança. Daí que o psicodrama, a festa dos loucos onde todos se *reconhecem filhos*, não mude nada em cada um deles⁶³, pelo contrário: a situação de José vai-se agravando até à morte, como louco; por sua vez Lucile morre como Lucile passando a viver a vida de uma insípida enfermeira.

Além de não haver alternativa para a obscura fenomenalidade do afecto, tão frequentemente denunciada por Michel Henry⁶⁴, nem para a irrealidade e os fantasmas das nossas projecções também denunciada por Michel Henry⁶⁵, perde todo o sentido o apelo da vida arquetípica feito aos seus filhos, se verdadeiramente a vida arquetípica se não se efectivar. Se pela afecção de si se não tornar afecto, afecto em mim, em Vania, José...

Ora, a fenomenologia da Vida, em Michel Henry, não pode escapar à efectiva ipseidade do afecto. Na sua preocupação em denunciar o vazio das fenomenologias da existência, atirou-o, paradoxalmente, para a fenomenologia da encarnação, onde há mais do que indícios de uma outra possível narrativa para o sofrimento: a da sua vivificação na relação com o outro⁶⁶.

⁶¹ *FR*, pp. 152-153; 176-184.

⁶² *FR*, p. 179.

⁶³ *FR*, p. 176- 190.

⁶⁴ Nomeadamente, na crítica ao conceito *O fenómeno saturado* De Jean-Luc Marion.

⁶⁵ Lembremos sobretudo as críticas a Sartre.

⁶⁶ *Recuperar o humanismo- para uma fenomenologia da alteridade*, Principia, 2001, trata esta possibilidade.

A fenomenalidade do acto de afecto é uma fenomenalidade positiva: *o ser dá-se como afecto*⁶⁷ ou melhor *a vida dá-se como afecto*. O afecto é a primordial forma de doação. E como transitividade positiva a doação deve trazer consigo acréscimo de vida⁶⁸, fruição de si⁶⁹ possibilitada por essa mesma transitividade na imanência, que na inocência do possível transmuta o mesquinho em nobre, suporta e embala a dor, apazigua o sofrimento.

De contrário, como poderia experienciar Espinosa, Marietta, Lucile, José, Vania, Totor, Florence, August, Jonathan, Henry no presente a eternidade: «a eternidade será feita da recordação de tais instantes», no abraço amoroso de José e Marietta, no eterno que abraça o presente, no presente que vivifica o passado. Como pode o romance negar o que ele mesmo expressa? A estrutura trinitária da fenomenologia do afecto: os filhos gerados na vida, vivem essa experiência arquetípica nos seus actos de afecto, o mesmo *espírito* da vida. «O olho pelo qual vemos as coisas é tão-só aquele pelo qual Deus nos vê. Aquele que vê este olho vê o próprio Deus»⁷⁰. Não será esse *Le bonheur de Spinoza, de José, de Lucile...*?

Outras leituras se abrem à narrativa de Ricoeur. A conversão do sofrimento ao possível da vida *apela* a que se antecipe o futuro⁷¹. A vida *apela* agora à fruição do afecto.

Florinda L.F.Martins

⁶⁷ Florinda Martins, *O ser dá-se como afecto*, UNI, 1992.

⁶⁸ WITTGENSTEIN, *Tractatus*, 6.43 e Paul AUDI, *Supériorité de l'éthique – De Schopenhauer a Wittgenstein*, PUF, 1999, pp. 80-81.

⁶⁹ AUDI, Paul. *Supériorité de l'éthique – De Schopenhauer a Wittgenstein*, PUF, 1999, pp. 80-81.

⁷⁰ *FR*, p. 194.

⁷¹ PORÉE, J. «Le temps du souffrir : Remarques critiques sur la philosophie de Michel Henry» em *Archives de philosophie*, 54 (1991), pp. 213-240.

